



**PAIXÃO  
SEM LIMITES**



## SAÍDA DE EMERGÊNCIA

livros para fugir da rotina

TÍTULO: *Paixão Sem Limites*

AUTORIA: *Abbi Glines*

EDITOR: *António Vilaça*

*Esta edição © 2014 Edições Saída de Emergência Lda.*

*Título original Fallen Too Far, Copyright © 2012 by Abbi Glines, publicado em Nova Iorque por ATRIA.*

TRADUÇÃO E ADAPTAÇÃO: *Fernanda Abreu e Inês Pereira*

REVISÃO: *Saída de Emergência*

COMPOSIÇÃO: *Saída de Emergência, em caracteres Minion, corpo 12*

DESIGN DA CAPA E INTERIORES: *Saída de Emergência*

FOTÓGRAFO DA CAPA: *Carlos Porfírio*

MODELO DE CAPA: *Maria João Correia*

*(vencedora do casting Sem Limites — [www.facebook.com/SdE.semlimites](http://www.facebook.com/SdE.semlimites))*

COM A PARCERIA DE:



IMPRESSÃO E ACABAMENTO: *RioGráfica – Tipografia Santos & Marques, Lda.*

1ª EDIÇÃO: *Maior, 2014*

ISBN: *978-989-637-631-4*

DEPÓSITO LEGAL: *374156/14*

EDIÇÕES SAÍDA DE EMERGÊNCIA LDA.

*Praça do Junqueiro, nº 3, Loja B, 2775-597 Carcavelos, Portugal*

*Tel: 218 084 370*

[WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM](http://WWW.SAIDADEEMERGENCIA.COM)

*Tradução e adaptação:  
Fernanda Abreu e Inês Pereira*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*

# PAIXÃO SEM LIMITES

ABBI GLINES



**SAÍDA DE EMERGÊNCIA**  
livros para fugir da rotina



*Para Liz Reinhardt, a pessoa que mais me incentivou durante a criação deste livro. Ao longo da vida, encontramos pessoas que se tornam amigas sem as quais não conseguimos imaginar continuar a viver. Liz é uma delas.*



## CAPÍTULO 1

O que eu costumava ver estacionado em frente a uma casa onde houvesse uma festa eram carrinhas com lama nos pneus, e não automóveis caros e importados. Pelo menos vinte deles ocupavam o comprido acesso àquela casa. Parei a pick-up *Ford* de quinze anos da minha mãe em cima do relvado para não atrapalhar a saída de ninguém. O meu pai não me tinha dito que ia dar uma festa esta noite. Na verdade, não me tinha dito quase nada.

Ele nem sequer tinha aparecido no funeral da minha mãe. Se eu não precisasse de um lugar para morar, não estaria ali. Tive de vender a casinha que a minha avó nos deixara para pagar as últimas despesas médicas da minha mãe. Tudo o que me restava eram as minhas roupas e a pick-up. Ligar ao meu pai depois de ele não aparecer nem uma vez sequer durante os três anos da batalha da minha mãe contra o cancro foi complicado. Complicado, mas necessário: ele era a única família que me restava.

Olhei para a enorme casa de três andares situada bem próxima da areia branca da praia de Rosemary, na Florida. Aquela era a nova casa do meu pai. A sua nova família. Eu não ia conseguir adaptar-me.

De repente, alguém abriu a porta da minha pick-up com um empurrão. Instintivamente, enfiei a mão debaixo do assento e peguei na minha nove milímetros. Ergui-a e apontei-a ao intruso, segurando-a com as duas mãos e pronta para puxar o gatilho.

— Porra... eu ia dizer que estavas perdida, mas agora digo o que quiseses. E, por favor, guarda a arma.

Do outro lado da minha arma estava um indivíduo de cabelo desgredhado castanho, preso atrás das orelhas, com as duas mãos para cima e os olhos arregalados.

Levantei uma das sobrancelhas e mantive a arma firme. Ainda não sabia quem era aquele tipo. Abrir a porta da pick-up de alguém com um empurrão não era a forma normal de cumprimentar um desconhecido.

— Não, acho que não estou perdida. Esta não é a casa de Abraham Wynn?

O tipo engoliu em seco, nervoso.

— Bem... com essa arma apontada à minha cara, nem consigo pensar. Estás a deixar-me muito nervoso, minha linda. Podes baixar a arma antes que aconteça um acidente?

Acidente? A sério? O gajo começava a irritar-me.

— Eu não te conheço. Está escuro aí fora e eu estou sozinha num lugar estranho. Por isso desculpa se não me sinto muito segura neste momento. Confia em mim: não vai acontecer nenhum acidente. Eu sei usar uma arma.

O tipo pareceu não acreditar em mim e, agora que eu o estava a ver melhor, não me parecia realmente ameaçador. Mesmo assim, ainda não estava disposta a baixar a arma.

— Abraham? — repetiu ele devagar. Começou a abanar a cabeça, e depois parou. — Espera, o novo padraço do Rush chama-se Abe. Eu conheci-o antes de ele ir de viagem com a Georgianna para Paris.

Paris? Rush? O que é que se passa? Esperei que ele continuasse a explicar, mas o tipo limitou-se a olhar para a arma, quase sem respirar. Com os olhos fixos nele, baixei a arma e certifiquei-me de que ativava a segurança antes de a guardar debaixo do assento do condutor. Talvez sem a arma ele se conseguisse concentrar e explicar-me o que se passava.

— Tens licença de porte de arma para essa coisa? — perguntou ele, sem acreditar.

Eu não estava com vontade de falar sobre o meu direito à posse de armas. Precisava de respostas.

— Abraham está em Paris? — perguntei, à procura de uma confirmação.

Ele sabia que eu chegava hoje. Tínhamos falado na semana anterior, depois de eu ter vendido a casa. O tipo assentiu com a cabeça devagar e relaxou um pouco.

— Conhece-lo? — perguntou.

Na verdade, não. Desde que ele me tinha abandonado, a mim e à minha mãe, há cinco anos, só o tinha visto umas duas vezes. Lembrava-me do pai que assistia aos meus jogos de futebol e que fazia hambúrgueres na churrasqueira do quintal para as festas dos vizinhos do bairro. O pai que eu tinha tido até ao dia em que a minha irmã gémea, Valerie, morreu num acidente de carro... com ele a conduzir. Nesse dia, ele mudou e tornou-se no homem que não me telefonava para saber se eu estava bem enquanto eu tomava conta da minha mãe doente. Esse homem, eu não conhecia. Nem um pouco.

— Sou a filha dele. Blaire.

O tipo arregalou os olhos, atirou a cabeça para trás e riu-se. Qual era a piada? Estava à espera que me explicasse quando ele estendeu a mão.

— Vem cá, Blaire. Quero apresentar-te a uma pessoa. Ele vai adorar saber isso.

Olhei para a mão dele e estendi o braço para pegar na minha mala.

— Tens outra arma aí nessa mala? Devo avisar toda a gente que não te devem irritar?



O tom provocador da voz dele impediu-me de ser mal-educada.

— Abriste a minha porta sem avisar. Fiquei com medo.

— E a tua reação imediata quando sentes medo é apontar uma arma? Caramba, rapariga, de onde é que tu és? A maioria das miúdas que eu conheço daria um gritinho ou qualquer coisa assim.

A maioria das raparigas que ele conhecia não fora forçada a proteger-se nos últimos três anos. Precisei de tomar conta da minha mãe, mas não tinha ninguém que olhasse por mim.

— Eu sou do Alabama — respondi, ignorando a mão dele e saltando sozinha da pick-up.

A brisa do mar bateu-me na cara e o cheiro salgado da praia era inconfundível. Eu nunca tinha visto uma praia. Pelo menos não ao vivo. Apenas em fotos e filmes, mas o cheiro era exatamente o que eu imaginava que seria.

— Quer dizer então que é verdade o que dizem sobre as raparigas de ‘Bama — disse ele, o que me chamou a atenção.

— Como?

Ele desceu os olhos pelo meu corpo e voltou a subir até à minha cara. Sorriu.

— Calças de ganga justas, t-shirt sem mangas e uma arma. Caramba, acho que nasci no Estado errado.

Revirei os olhos e abri a parte traseira da pick-up. Tinha uma mala e várias caixas que precisava de levar para a Legião da Boa Vontade.

— Deixa-me ajudar-te.

Ele deu a volta e estendeu as mãos para dentro da caixa de carga da pick-up para pegar na mala que a minha mãe mantivera guardada no armário para a “viagem de carro” que nunca chegámos a fazer. Ela estava sempre a dizer que um dia iríamos atravessar o país e subir a costa oeste. Isso foi antes de ela ficar doente.

Espantei essas memórias e concentrei-me no presente.

— Obrigada, hmm... acho que não sei o teu nome.

O tipo puxou a mala e virou-se na minha direção.

— Não percebo. Esqueceste-te de perguntar quando estavas com a arma apontada à minha cara?

Suspirei. Bem, talvez eu tenha exagerado um pouco com a arma, mas ele tinha-me assustado.

— O meu nome é Grant. Eu sou... hmm... amigo do Rush.

— Rush? — O mesmo nome outra vez. — Quem é o Rush?

O sorriso de Grant voltou a aparecer. — Não sabes quem é o Rush? — Ele estava a achar muita piada. — Porra, ainda bem que eu vim aqui hoje. — Ele virou a cabeça em direção à casa. — Vamos. Vou apresentar-te.

Acompanhei-o enquanto ele me conduzia até à casa. Quando nos aproximámos, a música lá dentro ficou mais alta. Se o meu pai não estava lá, quem estaria? Georgianna era a mulher dele, mas isso era tudo o que eu sabia. Seria aquela festa dos filhos dela? Que idade é que eles teriam? Georgianna tinha filhos, não tinha? Não me lembrava. O meu pai era muito vago sempre que falava dela. Disse-me que eu iria gostar da minha nova família, mas não mencionou quem era essa família exatamente.

— Esse tal de Rush mora aqui? — perguntei.

— Mora. Bem, pelo menos no verão. Ele muda-se para as suas outras casas conforme a estação do ano.

— Outras casas?

Grant deu uma gargalhada.

— Não sabes nada sobre a família para a qual o teu pai entrou, não é, Blaire?

Mal sabia ele. Fiz que não com a cabeça.

— Então, rápida miniaula antes de entrarmos na loucura — disse ele, parando no topo da escada que conduzia à porta da frente e olhando para mim. — Rush Finlay é teu irmão “emprestado”. É filho único do famoso baterista dos Slacker Demon, Dean Finlay. Os pais dele nunca se casaram. A mãe, Georgianna, era groupie quando era mais nova. Esta casa é dele. A mãe mora aqui porque ele deixa. — Ele parou e olhou para a porta no exato momento em que ela se abriu. — E todas estas pessoas são amigas dele.

Uma loura-arruivada alta e esguia observava-me da porta. Estava a usar um vestido curto azul-real e um par de sapatos de salto alto que me fariam partir o pescoço se tentasse calçá-los. Percebi o desagrado na sua expressão mal-humorada. Eu não sabia muita coisa sobre aquele tipo de pessoas, mas sabia que as minhas roupas compradas em grandes armazéns não eram algo que eles aprovassem. Ou isso, ou tinha uma barata a andar em cima de mim.

— Olá, Nannette — disse Grant.

— Quem é esta? — perguntou a rapariga, olhando para ele.

— Uma amiga. Não faças essa cara de enjoada, Nan, não te fica bem — respondeu ele, estendendo a mão para pegar na minha e puxar-me para dentro da casa.

A sala não estava tão cheia quanto eu imaginara. Quando passámos pelo grande hall de entrada aberto, um arco ia dar ao que imaginei ser uma sala de estar. Mesmo assim, era bem maior do que a minha casa inteira, ou, melhor, a minha ex-casa. Duas portas de vidro abriam-se para uma vista do mar de tirar o fôlego. Eu queria ver aquilo de perto.

— Por aqui — informou Grant. Falava comigo enquanto se encaminhava até um... bar? A sério? Havia um bar dentro de casa?

Olhei de relance para as pessoas ao nosso redor. Todas paravam um instante para me fitar de alto a baixo. Eu estava a destacar-me imenso.

— Rush, esta é a Blaire, acho que talvez ela seja tua. Encontrei-a lá fora com um ar meio perdido — disse Grant. Desviei os olhos daquela gente curiosa para ver quem era aquele tal de Rush.

Ai. Ai, ai, ai.

— Ai é? — respondeu Rush com uma voz preguiçosa, arrastada. Com uma cerveja na mão, ele inclinou-se para a frente no sofá branco. — Ela até é gira, mas é muito novinha. Não posso dizer que seja minha.

— Ah, ela é tua, sim. Considerando que o pai dela fugiu para passar as próximas semanas em Paris com a tua mãe... Eu diria que agora ela é tua, sim. Se preferires, ofereço-lhe um quarto em minha casa. Quer dizer, se ela prometer deixar a arma na pick-up.

Rush semicerrrou os olhos e estudou-me com atenção. Os olhos dele tinham uma cor estranha. Surpreendente e incomum. Não eram castanhos nem cor de avelã. Eram de uma cor quente, com um pouco de prateado. Nunca tinha visto nada parecido. Seriam lentes de contacto?

— Não é por isso que ela é minha — respondeu ele por fim, recostando-se no sofá. Grant pigarreou.

— Estás a brincar, certo?

Rush não respondeu. Em vez disso, deu um grande gole da garrafa que tinha nas mãos. Os seus olhos estavam agora cravados em Grant e percebi a sua expressão de sobreaviso. Ele ia pedir-me que me fosse embora a qualquer momento. Aquilo não era nada bom. Eu tinha apenas 20 dólares na mala e estava quase sem gasolina. Já tinha vendido tudo o que tinha de valor. Quando liguei ao meu pai, expliquei-lhe que só precisava de um lugar onde ficar até arranjar um emprego e começar a ganhar dinheiro suficiente para encontrar um sítio onde morar. Ele concordou de imediato e deu-me a sua morada, dizendo que adoraria que eu ficasse em sua casa.

Rush estava a prestar atenção à minha reação. Estava à espera que eu fizesse alguma coisa. O que é que ele queria que eu dissesse? Os seus lábios esboçaram um leve sorriso de ironia e ele piscou-me o olho.

— Tenho a casa cheia de convidados hoje. E a minha cama já está lotada. — Ele desviou os olhos na direção de Grant. — Acho que é melhor ela procurar um hotel até eu conseguir falar com o pai dela.

A repulsa na sua língua ao pronunciar a palavra “pai” não passara despercebida. Ele não gostava do meu pai. Na realidade, eu não podia culpá-lo. Afinal, aquilo não era um problema dele. Quem me mandou até ali foi o meu pai. Eu tinha gastado quase todo o meu dinheiro em gasolina e comida durante o percurso. Porque é que confiei naquele homem?

Estendi a mão e peguei na alça da mala que Grant ainda segurava.

— Ele tem razão. É melhor ir-me embora. Foi uma péssima ideia — disse, sem olhar para Grant.

Puxei a mala com força e ele soltou-a com alguma relutância. Conforme me ia apercebendo de que estava prestes a ficar sem casa, senti lágrimas a arderem-me nos olhos. Não consegui olhar para nenhum dos dois.

Mantendo os olhos baixos, virei-me e dirigi-me para a porta. Apercebi-me de que Grant estava a falar com Rush, mas esforcei-me para não ouvir. Não queria saber o que aquele tipo lindo estava a dizer sobre mim. Ele não gostava de mim. Isso tinha ficado claro. O meu pai não parecia ser um membro bem-vindo na família.

— Já te vais embora, tão cedo? — perguntou-me uma voz meio melosa.

Levantei os olhos e deparei-me com o sorriso satisfeito da rapariga que abrira a porta. Ela também não me queria ali. Seria eu assim tão horrível para aquelas pessoas? Voltei a olhar para o chão e abri a porta. Era demasiado orgulhosa para deixar que aquela vaca mesquinha me visse chorar.

Quando estava segura do lado de fora, deixei escapar um soluço e caminhei até à minha pick-up. Se não estivesse a carregar a mala, tinha ido a correr. Precisava da segurança da minha carrinha. O meu lugar não era ali, naquela casa ridícula com aquelas pessoas intrometidas. Estava com saudades de casa. Da minha mãe. Fugiu-me outro soluço. Fechei a porta da pick-up e tranquei-a.

## CAPÍTULO 2

**E**nxuguei os olhos e forcei-me a respirar fundo. Não podia desmoronar agora. Não tinha desmoronado ao segurar a mão da minha mãe enquanto ela dava o seu último suspiro ou quando o seu caixão desceu para dentro da terra fria. Também não desmoronara ao vender o único lugar que tinha para morar. Não iria desmoronar agora. Ia conseguir sair desta.

Não tinha dinheiro suficiente para um quarto de hotel, mas tinha a minha pick-up. Podia morar nela. O meu único problema seria encontrar um lugar seguro para estacionar durante a noite. Aquela cidade parecia segura, mas eu tinha quase a certeza que aquela pick-up velha estacionada durante a noite em qualquer sítio chamaria a atenção. Teria a polícia a bater-me na janela antes mesmo de conseguir adormecer. Teria de gastar os meus últimos 20 dólares em gasolina. Concluí que tinha de ir até uma cidade maior, onde a minha pick-up passasse facilmente despercebida num estacionamento.

Talvez pudesse estacionar atrás de um restaurante e arranjar um emprego por lá. Assim não precisaria de gasolina para ir e voltar do trabalho. A minha barriga deu as horas, lembrando-me de que não comia desde manhã. Precisava de gastar alguns dólares em comida. E rezar para arranjar um emprego quando amanhecesse.

Eu ia ficar bem. Virei a cabeça para olhar para trás da carrinha antes de engatar a marcha-atrás. Uns olhos prateados observavam-me.

Dei um gritinho antes de perceber que era Rush. O que é que ele estava a fazer em pé ao lado da minha pick-up? Teria saído para se certificar de que eu me ia embora da sua propriedade? Eu realmente não queria falar mais com ele. Comecei a desviar os olhos e a concentrar-me em sair dali quando ele levantou uma das sobrancelhas para mim. O que é que aquilo significava?

Sabem que mais? Bem, não estava minimamente interessada. Mesmo que ele parecesse super-sexy ao fazer aquilo. Liguei a pick-up, mas, ao invés do motor, tudo o que ouvi foi um clique e silêncio. Oh, não. Agora não. Por favor, agora não.

Rodei as chaves e rezei para estar enganada. Sabia que o mostrador do combustível estava avariado, mas tinha prestado atenção à quilometragem. Não devia estar sem gasolina. Ainda tinha alguns quilómetros. Eu sabia que ainda tinha.

Bati com a palma da mão no volante e ofendi a pick-up várias vezes, mas não aconteceu nada. Fiquei pendurada. Será que Rush ia chamar a polícia? Ele queria tanto que eu me fosse embora que tinha saído para se certificar. Agora que eu não conseguia partir, será que ele me ia mandar prender? Ou pior, chamar um reboque? Se ele fizesse isso, eu não teria dinheiro para recuperar a pick-up. Ao menos na prisão teria uma cama e comida à borla.

Engoli em seco, abri a porta da pick-up e esperei pelo melhor.

— Problemas? — perguntou ele.

A minha frustração era tanta que eu queria gritar, mas limitei-me a concordar.

— Acabou a gasolina.

Rush suspirou. Eu não disse nada. Decidi que naquela situação o melhor era esperar pelo veredito. Poderia sempre implorar depois.

— Quantos anos tens, afinal?

O quê? Ele estava mesmo a perguntar a minha idade? Eu estava presa no acesso de carros da sua casa, ele queria que eu me fosse embora e, em vez de falar sobre as minhas alternativas, estava a perguntar que idade eu tinha? Que tipo estranho.

— Dezanove — respondi.

Rush levantou as duas sobrancelhas.

— A sério?

Eu estava a tentar não me irritar. Precisava que aquele tipo tivesse pena de mim. Forcei-me a engolir o comentário irónico que tinha na ponta da língua, e sorri.

— A sério.

Rush sorriu e encolheu os ombros.

— Estive mal. É que pareces mais nova. — Ele parou e os seus olhos observaram-me de alto a baixo e voltaram a subir. O súbito calor que senti na cara foi constrangedor. — Retiro o que disse. O teu corpo parece mesmo ter 19. A tua cara é que parece muito jovem. Nunca usas maquilhagem?

Era uma pergunta? O que é que ele estava a fazer? Eu queria saber o que o futuro me reservava, e não falar sobre o facto de que usar maquilhagem era um luxo ao qual eu não me podia dar. Para além disso, o meu ex-namorado (e atual melhor amigo) Cain dizia sempre que eu não precisava de mais nada para melhorar a minha aparência. O que quer que isso significasse.

— A gasolina acabou. Tenho 20 dólares na mala. O meu pai fugiu e abandonou-me depois de dizer que me ajudava. Acredita em mim: ele era a *última* pessoa a quem eu iria pedir ajuda. E não, eu não uso maquilhagem. Tenho problemas muito mais graves de momento do que preocupar-me

em ficar bonita. E agora, vais chamar a polícia ou um reboque? Se eu puder escolher, prefiro a polícia. — Calei-me para dar o meu desabafo por terminado. Ele pressionara-me e eu não consegui segurar a língua. Agora cometera o erro de lhe dar a ideia do reboque. Merda.

Rush inclinou a cabeça e observou-me. O silêncio era quase insuportável para mim. Acabara de partilhar informação em excesso com aquele indivíduo. Se ele quisesse, poderia dificultar-me a vida.

— Eu não gosto do teu pai e, pelo tom da tua voz, deduzo que tu também não — disse ele, perspicaz. — Há um quarto vago hoje à noite. Vai estar vazio até ao regresso da minha mãe. Eu não peço à empregada dela para vir quando a minha mãe está a viajar. Durante as férias dela, a empregada só vem fazer a limpeza uma vez por semana. Podes ficar no quarto da Henrietta por baixo da escada. É pequeno, mas tem uma cama.

Ele estava a oferecer-me um quarto. Eu não ia desatar a chorar. Podia fazer isso mais tarde. E, pelo menos, não ia para a prisão. Graças a Deus.

— A minha alternativa é esta pick-up. Posso garantir-te que o que me estás a oferecer é bem melhor. Obrigada.

Rush franziu o sobrolho por momentos, mas essa expressão desapareceu de imediato e um sorriso descontraído voltou a surgir no seu rosto.

— Onde está a tua mala? — perguntou ele.

Fechei a porta da pick-up e fui até à traseira para pegar na mala. Antes que eu pudesse estender a mão, um corpo quente com um cheiro desconhecido e delicioso esticou-se por cima do meu. Congelei enquanto Rush pegava na minha mala e a puxava para fora.

Virei-me e levantei os olhos para ele. Rush pestanejou.

— Posso carregar a tua mala. Não sou assim tão idiota.

— O-Obrigada — gaguejei, sem conseguir desviar o meu olhar.

Os olhos dele eram inacreditáveis. As pestanas pretas grossas que os emolduravam pareciam quase um *eyeliner*. Ele tinha um realce natural à volta dos olhos. Que injustiça. As minhas pestanas eram louras. Dava tudo para ter pestanas iguais às dele.

— Ah, ainda bem que a impediste de se ir embora. Estava a dar-te cinco minutos antes de sair para me certificar de que não tinhas afugentado a miúda por completo.

A voz conhecida de Grant fez-me sair do meu transe e virei-me, agradecida pela interrupção. Tinha estado a olhar para Rush como uma idiota. Estava surpreendida por ele não me ter mandado desaparecer outra vez.

— Ela vai ficar no quarto da Henrietta até eu conseguir falar com o pai dela e encontrar outra solução. — Rush soava contrariado. Entregou a mala a Grant e disse: — Toma, mostra-lhe o quarto. Há pessoas à minha espera.

Rush afastou-se sem olhar para trás. Precisei de toda a minha força de

vontade para não ficar a observá-lo enquanto se ia embora. Principalmente porque o seu rabo naquelas calças de ganga justas era muito tentador. Ele não era alguém por quem eu me devesse sentir atraída.

— Este tipo é mal-humorado de mais — comentou Grant, abanando a cabeça e a olhar para mim. Não discordei.

— Não precisas de carregar a minha mala lá para dentro outra vez — disse, estendendo a mão para pegar nela. Grant afastou a mala da minha mão.

— Por acaso, eu sou o irmão simpático. Não vou deixar que carregues esta mala tendo eu um par de braços muito fortes, para não dizer muito impressionantes, para a carregar.

Eu teria sorrido, se não fosse pela palavrinha que me fez virar a cabeça na sua direção.

— Irmão? — perguntei. Grant sorriu, mas o sorriso não lhe chegou aos olhos.

— Acho que me esqueci de dizer que eu sou filho do marido número dois da Georgianna. Ela esteve casada com o meu pai durante doze anos, desde que eu tinha três anos e Rush, quatro. Quando se separaram, Rush e eu já éramos irmãos. O simples facto de o meu pai se ter divorciado da mãe dele não mudou nada para nós. Fomos para a faculdade juntos e entrámos até para a mesma fraternidade.

Ah, certo. Por esta não esperava eu.

— Quantos maridos teve a Georgianna?

Grant deixou escapar uma gargalhada curta e dura. De seguida, começou a andar em direção à porta.

— O teu pai é o número quatro. O meu pai era um idiota. Aquela mulher parecia trocar de marido como quem troca de roupa. Quanto tempo demoraria para se livrar dele e partir para outro?

Grant voltou a subir a escada e não me disse mais nada enquanto seguia na direção da cozinha. Era uma divisão enorme, com bancadas de mármore preto e aparelhos complicados. Lembrava-me daqueles lugares que aparecem nas revistas de decoração. Ele abriu uma porta que parecia uma grande despensa com espaço para uma pessoa entrar. Sem entender, olhei à volta e segui-o para o seu interior. Ele foi até ao fundo e abriu outra porta.

Havia espaço suficiente para ele entrar e pôr a minha mala em cima da cama. Era óbvio que estávamos debaixo da escada. Entalada entre a cama e a parede havia uma mesa de cabeceira. Tirando isso, mais nada.

— Não faço ideia de onde podes guardar a tua mala. Este quarto é muito pequeno. Para ser sincero, é a primeira vez que aqui venho. — Grant abanou a cabeça e suspirou. — Ouve, se quiseres vir comigo para o meu



apartamento, não há problema. Ao menos posso oferecer-te um quarto no qual dê para te mexeres.

Por mais simpático que Grant fosse, eu não estava disposta a aceitar a oferta. Ele não precisava de uma hóspede indesejada a ocupar um dos seus quartos. Ao menos ali estava escondida e ninguém me iria ver. Poderia limpar a casa e arranjar um emprego nalgum sítio. Talvez Rush me deixasse ficar a dormir naquele quartinho desocupado até eu ter dinheiro suficiente para me ir embora. Ali eu não tinha tanto a sensação de estar a impor a minha presença. No dia seguinte, iria procurar um supermercado e usar os meus 20 dólares para comprar comida. Pão com manteiga de amendoim devia chegar para uma semana, mais ou menos.

— Aqui está perfeito. Assim eu não atrapalho. Além disso, Rush vai telefonar ao meu pai amanhã e descobrir quando é que ele volta. Talvez ele tenha um plano, sei lá. Mas obrigada pela oferta.

Grant olhou em redor, para o quarto, de novo e fez uma cara feia. Ele não estava satisfeito com aquela solução, mas eu estava aliviada. Que gentileza em preocupar-se comigo.

— Detesto deixar-te aqui nos fundos. Parece errado.

Voltara a olhar para mim, e desta vez a sua voz adquirira um tom de súplica.

— Está ótimo. Muito melhor do que na pick-up.

Grant franziu o sobrolho.

— Na pick-up? Ias dormir lá?

— Ia, sim. Mas desta forma sempre ganho algum tempo para decidir qual vai ser o meu próximo passo.

Grant passou uma mão pelos cabelos desgrenhados.

— Prometes-me uma coisa? — pediu.

Eu nunca fui de prometer nada. O que eu sabia sobre promessas era que elas eram fáceis de quebrar. Encolhi os ombros. Era o melhor que podia fazer.

— Se o Rush te obrigar a ir embora, ligas-me.

Comecei por concordar, mas percebi que não tinha o número dele.

— Onde está o teu telemóvel para eu poder gravar o meu número? — perguntou ele. Aquilo ia fazer-me soar ainda mais digna de pena.

— Não tenho.

Grant olhou para mim, boquiaberto.

— Não tens telemóvel? Não admira que andes armada. — Enfiou a mão no bolso e pegou no que parecia ser um recibo. — Tens uma caneta?

Tirei uma caneta da mala e entreguei-lha. Ele apontou o número rapidamente e entregou-me o papel e a caneta.

— Liga-me. Estou a falar a sério.

Eu nunca lhe iria ligar, mas ele era muito atencioso em oferecer. Concordei. Não tinha prometido nada.

— Espero que durmas bem aqui.

Olhou à volta com um ar preocupado. Eu iria dormir maravilhosamente bem.

— Vou dormir bem — garanti.

Ele assentiu, saiu do quarto e fechou a porta. Esperei até o ouvir fechar também a porta da despensa antes de me sentar na cama ao lado da mala. Aquilo era suficiente. Podia orientar-me com aquilo.

## CAPÍTULO 3

**M**esmo sem janelas no quarto para me dizer se o Sol já tinha nascido, eu sabia que tinha ficado a dormir até tarde. Fui deitar-me exausta, mas a longa viagem de oito horas e os passos na escada durante horas depois de eu ir para a cama impediram-me de adormecer. Espreguicei-me, sentei-me e estendi a mão para chegar ao interruptor na parede. A pequena lâmpada iluminou o quarto e estiquei o braço até debaixo da cama para pegar na minha mala.

Precisava de um banho. Se todos estivessem ainda a dormir, poderia usar uma das casas de banho sem ninguém se aperceber; mas Grant não me tinha mostrado onde eram. Só me tinham oferecido o quarto, mas eu esperava que um duche rápido estivesse incluído no pacote.

Peguei numas cuecas limpas, nuns calções pretos e numa t-shirt branca sem mangas. Com sorte, conseguiria entrar e sair do chuveiro e começar a limpar a casa antes de Rush descer.

Abri a porta que dava para a despensa, passei por entre as prateleiras que continham mais comida do que qualquer pessoa jamais poderia precisar. Girei a maçaneta da porta devagar e abri-a. A luz da cozinha estava apagada e a única claridade vinha do sol forte que entrava pelas amplas janelas que davam para o mar. Se não estivesse tão aflita, teria parado um instante para admirar a vista. Mas a situação era urgente e eu precisava de ir à casa de banho. A casa mantinha-se silenciosa. Estavam copos vazios espalhados pelas divisões, juntamente com restos de comida e peças de roupa. Eu poderia limpar aquilo. Se me mostrasse útil, talvez me deixassem ficar ali até eu encontrar um emprego e receber um ou dois salários.

Abri lentamente a primeira porta que encontrei, com medo de que fosse um quarto. Era um *closet*. Fechei a porta e desci o corredor em direção à escada. Se as únicas casas de banho fossem as das suites, estava tramada. A não ser que... talvez houvesse uma casa de banho para as pessoas usarem depois de passarem o dia inteiro na praia. Afinal de contas, Henrietta também tinha de tomar banho e ir à casa de banho. Virei as costas e voltei-me para a cozinha e para as duas portas de vidro que tinha visto abertas na noite anterior. Olhei à volta e reparei nalguns degraus que desciam até à parte de baixo da casa. Fui por ali.

Lá em baixo existiam duas portas. Abri uma delas e vi paredes cober-

tas por coletes salva-vidas, pranchas de surf e boias. Então abri a outra. Bingo.

Era uma casa de banho com um pequeno polibã. Em cima de um banquinho havia champô, amaciador e sabonete, para além de uma luva de banho e de uma toalha limpa. Que prático.

Uma vez limpa e vestida, pendurei a toalha e a luva no ferro da cortina do polibã. Aquela casa de banho não era muito usada. Eu poderia usar a mesma toalha e a mesma luva a semana inteira e lavá-las no fim de semana. Se ficasse ali assim tanto tempo.

Fechei a porta ao sair e subi os degraus. A maresia tinha um cheiro maravilhoso. Quando cheguei lá acima, fiquei parada junto ao corrimão e olhei para o mar. As ondas rebentavam na praia de areia branca. Era a coisa mais linda que eu já tinha visto.

A mãe e eu planeávamos, um dia, viajar para ver o mar. Ela tinha ido quando era pequena e não se lembrava de grande coisa, mas passara a vida inteira a falar-me sobre isso. Todos os invernos ficávamos sentadas dentro de casa em frente à lareira e planeávamos a nossa ida à praia. Nunca conseguimos fazer essa viagem. Primeiro porque a minha mãe não tinha dinheiro, depois porque não tinha saúde. Mas, mesmo assim, continuávamos a planeá-la. Isso ajudava a manter o sonho vivo.

E agora ali estava eu, a olhar para as ondas com as quais apenas sonhara. Não eram as nossas férias de contos de fadas, mas eu estava ali a ver o mar pelas duas.

— Esta vista nunca sai de moda. — A voz grave e arrastada de Rush assustou-me. Virei-me e vi-o encostado ao batente da porta. Sem camisa. Ai, ai, ai. Não consegui articular palavras. O único peito nu de homem que eu já tinha visto fora o de Cain. E isso fora antes de a minha mãe ficar doente, quando eu tinha tempo para namorar e me divertir. O peito de 16 anos de Cain não exibia aqueles músculos largos e definidos, da mesma forma que ele também não tinha uns abdominais definidos como os que estavam agora diante de mim.

— Estás a gostar da vista?

O seu tom de quem estava a achar piada não me escapou. Pestanejei e voltei a erguer o olhar para o sorriso de ironia nos seus lábios. Raios. Ele apanhara-me a olhar para o corpo dele.

— Não te quero interromper. Eu também estava a gostar — continuou ele antes de dar um gole da chávena de café em que estava a segurar.

Senti a minha cara ficar quente; sabia que devia estar vermelha que nem um pimento. Virei-me de novo e voltei a olhar para o mar. Que vergonha. Eu estava a tentar fazer com que aquele tipo me deixasse ficar ali por um tempo. Babar-me por ele não era a melhor estratégia.

Uma gargalhada abafada atrás de mim só piorou as coisas. Ele estava a rir-se de mim. Que bom.

— Ah, estás aí. Senti a tua falta na cama quando acordei.

A voz feminina melosa vinha de detrás de mim. A curiosidade venceu-me e eu virei-me. Uma rapariga só de cuecas e sutiã aconchegava-se a Rush e passava uma unha comprida e cor-de-rosa pelo seu peito. Não podia culpá-la por querer tocar naquilo. Eu própria estava a sentir-me bastante tentada.

— Está na hora de ires — respondeu ele, tirando a mão dela do seu peito e afastando-se. Vi quando ele apontou para a porta da frente.

— Desculpa? — retorquiu ela. Pelo ar de surpresa que fez, não estava à espera daquilo.

— Conseguiste o que querias ao vir aqui, querida. Querias que eu te comesse. Conseguiste. Agora já chega para mim.

A sua voz fria, dura e neutra espantou-me. Ele estava a falar a sério?

— Só podes estar a gozar comigo! — disparou a rapariga, a bater com o pé. Rush abanou a cabeça e deu mais um gole de café.

— Não podes fazer-me isto. Ontem à noite foi incrível. Tu sabes que foi. Ela estendeu a mão para o braço dele, mas ele desviou-se rapidamente.

— Eu avisei ontem à noite quando começaste a implorar e a tirar a roupa... A única coisa que ia acontecer era uma noite de sexo. Só isso.

Prestei atenção à rapariga. A sua expressão era de pura raiva. Ela abriu a boca para protestar, mas tornou a fechá-la. Batendo o pé novamente, voltou a passos firmes para dentro da casa.

Eu não conseguia acreditar no que acabara de ver. Era assim que pessoas daquele estilo se comportavam? A minha única experiência de relacionamento tinha sido com Cain. Embora nunca tivéssemos chegado a ter sexo, ele sempre fora cuidadoso e gentil comigo. Aquilo era duro, cruel.

— Então, dormiste bem? — perguntou Rush como se nada tivesse acontecido. Eu obriguei-me a desviar os olhos da porta pela qual a rapariga tinha saído e examinei-o. O que é que passara pela cabeça dela para ir para a cama com alguém que tinha deixado bem claro que não haveria nada para além de sexo? Tudo bem, ele tinha um corpo de causar inveja a modelos... e aqueles seus olhos eram capazes de levar uma rapariga a fazer loucuras. Mas ainda assim. Era muito cruel.

— Fazes sempre isto? — perguntei antes de conseguir conter-me. Rush levantou a sobrancelha.

— O quê? Perguntar às pessoas se elas dormiram bem?

Ele sabia o que eu estava a perguntar. Estava a desconversar. Não era da minha conta. Para ele me deixar ficar ali, eu precisava de ficar na minha. Abrir a boca para o repreender não era uma boa ideia.

— Ter sexo com raparigas e depois deitá-las fora como lixo? — retorqui. Fechei a boca, horrorizada com as palavras que acabara de ouvir ecoar na minha mente. O que é que eu estava a fazer? A tentar ser posta na rua?

Rush pousou a chávena na mesa ao seu lado e sentou-se. Recostou-se e esticou as pernas compridas. Então voltou a encarar-me.

— E tu, metes sempre o nariz onde não és chamada? — rebateu.

Eu queria ficar furiosa com ele. Queria, mas não consegui. Ele tinha razão. Quem era eu para o julgar? Nem o conhecia.

— Não, em geral, não. Desculpa — disse e entrei depressa. Não queria dar-lhe a oportunidade de me expulsar também. Eu precisava daquela cama debaixo da escada pelo menos por umas duas semanas.

Comecei a recolher os copos vazios e as garrafas de cerveja. Aquela casa precisava de uma limpeza e eu podia fazer isso antes de sair para procurar emprego. Só rezei para que ele não desse festas como aquela todas as noites. Mas, se desse, eu não ia reclamar... e quem sabe? Depois de algumas noites, talvez conseguisse dormir com qualquer barulho.

— Não precisas de fazer isso. A Henrietta vem amanhã.

Deitei no lixo as garrafas que tinha recolhido e olhei para ele. Rush estava outra vez em pé no vão da porta, a olhar para mim.

— Só pensei que poderia ajudar.

Rush esboçou um sorriso torto.

— Eu já tenho empregada. Não estou à procura de outra, se é isso que estás a pensar.

Abanei a cabeça.

— Não, eu sei. Só estava a tentar ser útil. Deixaste-me dormir em tua casa ontem.

Rush aproximou-se e ficou parado em frente à bancada, com os braços cruzados diante do peito.

— Sobre isso... precisamos de conversar.

Ai, bolas. Lá vinha. Uma noite era tudo o que eu iria conseguir.

— Está bem — respondi.

Rush franziu-me o sobrolho e senti o ritmo da minha pulsação a acelerar. Ele não tinha boas notícias para me dar.

— Eu não gosto do teu pai. Ele é um aproveitador. A minha mãe tende sempre a arranjar homens assim. É um talento dela. Mas eu acho que tu já sabes isso sobre ele. Então estou curioso: porque é que lhe vieste pedir ajuda se já sabias como ele era?

A minha vontade era responder-lhe que não era da conta dele. Só que o facto de eu precisar da sua ajuda fazia com que fosse. Eu não podia esperar que ele me deixasse dormir em sua casa sem saber de nada. Ele merecia

saber porque estava a ajudar-me. Eu não queria que ele pensasse que eu também era uma aproveitadora.

— A minha mãe acabou de morrer. Com cancro. Três anos de tratamento saem caro. A única coisa que tínhamos era a casa que a minha avó nos deixou. Tive de vender a casa e tudo o que tinha para pagar as contas de hospital da minha mãe. Não vejo o meu pai desde que ele nos abandonou, há cinco anos. Mas ele agora é a única família que tenho. Não tenho mais ninguém a quem pedir ajuda. Preciso de um lugar para ficar até conseguir um emprego e receber alguns ordenados. Depois vou arranjar a minha própria casa. A minha intenção nunca foi ficar muito tempo aqui. Sabia que o meu pai não ia querer que eu ficasse. — Soltei uma gargalhada dura e insincera. — Mas jamais imaginei que ele fosse fugir antes de eu chegar.

O olhar firme de Rush continuava preso em mim. Aquelas eram informações que eu preferia que ninguém soubesse. Costumava conversar com Cain sobre como o abandono do meu pai me fizera sofrer. A perda da minha irmã e do meu pai tinham sido difíceis para mim e para a minha mãe. Depois Cain precisou de mais e eu não pude ser quem ele precisava que eu fosse. Tinha de cuidar da minha mãe doente. Deixei Cain livre para sair com outras raparigas e divertir-se. Eu era só um peso para ele. A nossa amizade permaneceu intacta, mas eu percebi que o rapaz que eu um dia pensara amar tinha sido apenas uma emoção infantil.

— Sinto muito pela tua mãe — disse Rush, por fim. — Deve ser duro. Disseste que ela passou três anos doente. Desde que tinhas 16 anos?

Respondi que sim, sem saber muito bem que mais dizer. Não queria que ele tivesse pena de mim. Só queria um lugar para dormir.

— Estás a planear arranjar um emprego e uma casa para morar.

Não era uma pergunta, ele estava só a repetir o que eu tinha acabado de dizer. Por isso não respondi nada.

— O quarto debaixo da escada é teu durante um mês. Durante esse tempo, precisas de arranjar um emprego e juntar dinheiro suficiente para alugar um apartamento. Destin não fica muito longe daqui e o custo de vida lá é mais acessível. Se os nossos pais voltarem antes disso, imagino que o teu pai te possa ajudar.

Soltei um suspiro de alívio e engoli o nó que estava a bloquear a minha garganta.

— Obrigada.

Rush olhou em direção à despensa que conduzia ao quarto onde eu estava a dormir. De seguida, voltou a olhar para mim.

— Tenho umas coisas para fazer. Boa sorte na caça ao emprego.

Afastou-se da bancada e foi-se embora. Eu não tinha gasolina na pick-up, mas tinha uma cama e 20 dólares. Fui depressa até ao quarto para

pegar na minha carteira e nas minhas chaves. Precisava de encontrar um emprego o quanto antes.



## CAPÍTULO 4

**P**reso debaixo do limpa-para-brisas do meu carro, estava um bilhete. Peguei no papel e li:

*O depósito está cheio.*

*Grant.*

Grant enchera o depósito do meu carro? Senti um calor repentino dentro do peito. Que simpático. A palavra “proveitador” dita por Rush ecoou nos meus ouvidos e percebi que precisaria de reembolsar Grant o mais rapidamente possível. Não iria passar por aproveitadora como o meu pai.

Entrei na pick-up, arranquei com facilidade e saí de marcha-atrás. Ainda estavam vários carros em frente à casa, embora não tantos quanto na noite anterior. Teriam passado a noite ali? Tinham estado lá este tempo todo? Não vira ninguém de manhã, exceto Rush e a rapariga que ele tinha enxotado.

Rush não era uma pessoa muito simpática, mas era justo; isso eu tinha de admitir. E também era bem giro. Eu só precisava de aprender a ignorar esse facto. Não deveria ser muito difícil. Não imaginava que Rush fosse ficar perto de mim com muita frequência. Ele não parecia gostar da minha companhia.

Decidi arranjar um emprego em Rosemary para poupar gasolina, assim poderia sair da casa de Rush mais depressa. Tinha encontrado um jornal das redondezas e assinalado vários anúncios. Dois eram para vagas de empregada de mesa em restaurantes próximos e fui até lá para me candidatar. Embora tivesse a sensação de que receberia uma chamada de um deles ou de ambos, acho que não gostaria de trabalhar em nenhum dos dois. Se fossem as minhas únicas opções, aceitaria. Só que as gorjetas não pareciam ser grande coisa; e num emprego destes precisamos das gorjetas.

Passei também na farmácia da zona para me candidatar ao emprego de caixa, mas a vaga já tinha sido preenchida. Depois fui ao consultório de um pediatra e ofereci-me para o cargo de rececionista, mas eles queriam experiência, o que eu não tinha.

Assinalei um último anúncio, mas deixei-o para o final porque achava que seria uma vaga muito difícil de conseguir: um lugar como empregada de mesa no *country club* local. Pagava mais sete dólares por hora e as gorjetas seriam bem melhores. Perfeito para o meu plano de me orientar

sozinha. Além disso, o emprego tinha benefícios. Um seguro de saúde seria ótimo.

O anúncio pedia para os candidatos se apresentarem na sede administrativa, atrás do pavilhão do campo de golfe. Segui as instruções e parei a minha pick-up ao lado de um *Volvo* chique. Ajeitei o retrovisor para ver se estava bem. Ao passar na farmácia, tinha comprado um tubinho de rímel. Bastaria um pouco para parecer mais velha. Passei a mão pelos cabelos louros-claros e fiz uma prece rápida para conseguir aquele emprego.

Ao passar no quarto para pegar na minha carteira, aproveitei para trocar de roupa. Despi os calções e a t-shirt e optei por um vestido sem mangas, mais indicado para conseguir aquela vaga. Rush disse que eu tinha cara de criança. Queria parecer mais velha. O rímel e o vestido deviam ajudar.

Não me dei ao trabalho de trancar a pick-up; ali ela não corria risco nenhum de ser roubada. Não quando a maioria dos carros estacionados à volta custava mais de 60 mil dólares. Havia poucos degraus até à porta do escritório. Respirei fundo pela última vez e abri a porta.

Uma mulher de estatura baixa, cabelos castanhos curtos e óculos de armação de metal estava a atravessar a receção quando entrei. Olhou de relance para a minha cara a caminho de um dos escritórios e parou. Observou rapidamente o resto do meu visual e de seguida sacudi a cabeça na minha direção.

— Vieste procurar emprego? — perguntou, autoritária.

— Sim, senhora. Vim candidatar-me ao cargo de empregada de mesa. Ela sorriu subtilmente.

— Ótimo. Tens a aparência certa. Com um rosto desses, os sócios não vão prestar atenção aos erros. Sabes conduzir um carrinho de golfe e abrir uma garrafa de cerveja?

Assenti.

— Estás contratada. Preciso de alguém no campo imediatamente. Vem comigo, vamos arranjar um uniforme para ti.

Não discuti. Quando ela deu meia-volta e começou a andar com passos firmes na direção de outra divisão, segui-a. Ela era uma mulher com uma missão. Abriu uma porta e entrou.

— Que tamanho de calções é que usas, 36? A parte de cima vai ser mais pequena do que a que estás a usar, mas os homens vão adorar. Eles gostam de peitos grandes. Vejamos... — Ela estava a falar sobre o meu peito. Que constrangedor! Tirou uns calções brancos e um polo azul-bebé da prateleira e atirou-os na minha direção. — Essa blusa é tamanho S. Tem de ficar justa. Nós somos um estabelecimento de classe, mas os homens aqui também gostam de admirar a paisagem. Assim, proporcionamos o que eles

querem dentro de uns calções brancos e de um polo justo. Não te preocupes com a papelada. Peço-te para preencheres tudo depois do expediente. Se passares uma semana a fazer isto e correr tudo bem, podemos pensar em mudar-te para a sala de jantar. Também estamos a precisar de funcionários lá. Caras como a tua não são fáceis de encontrar. Agora troca de roupa, vou esperar para te levar até ao carrinho de bebidas.

Duas horas mais tarde, eu já tinha parado duas vezes ao lado de cada um dos dezoito buracos do campo e as minhas bebidas tinham acabado. Todos os golfistas me queriam perguntar se eu era nova e comentar sobre o meu excelente serviço. Eu não era burra. Via a forma como os homens mais velhos olhavam para mim. Felizmente, todos pareciam ter cuidado para não dar nenhum sinal disso.

A senhora que me contratou eventualmente lá me disse o seu nome depois de praticamente me empurrar para cima do carrinho e me despachar para o campo. Chamava-se Darla Lowry e cuidava da contratação dos funcionários. Era também um verdadeiro furacão. Disse-me para voltar dali a quatro horas ou quando as minhas bebidas acabassem, o que acontecesse primeiro. As bebidas acabaram em duas horas.

Entrei no escritório e Darla esticou a cabeça para fora de uma das salas.

— Já? — estranhou, saindo com as mãos na cintura.

— Sim, senhora. As minhas bebidas acabaram.

Ela ergueu as sobrancelhas.

— Todas?

— Sim, todas.

O seu rosto sério esboçou um sorriso e ela deixou escapar uma gargalhada.

— Ora, quem diria? Eu sabia que eles iam gostar de ti. Aqueles tarados estavam mesmo dispostos a comprar tudo o que tivesses só para te fazer ficar mais tempo por perto.

Eu não tinha a certeza se era mesmo isso. Estava calor no campo; sempre que eu parava junto de algum buraco, os golfistas faziam cara de aliviados.

— Vem comigo, vou mostrar-te onde reabastecer. Tens de continuar a servir até o Sol se pôr. Depois volta aqui para preenchermos a tal papelada.

Quando voltei à casa de Rush, já estava escuro. Eu tinha passado o dia inteiro fora. Os carros, que tinham estado parados no acesso à casa, já tinham desaparecido. A garagem de quatro lugares estava fechada, com um descapotável vermelho caro estacionado no exterior. Tive cuidado para estacionar a pick-up fora do caminho. Talvez Rush fosse receber mais amigos e eu não queria que a minha carrinha causasse problemas. Estava exausta. Só queria ir para a cama.

Parei em frente à porta e perguntei-me se deveria bater ou simplesmente entrar. Rush disse que eu podia ficar um mês. Com certeza que isso devia significar que eu não precisava de bater sempre que chegasse.

Girei a maçaneta e entrei. O hall estava vazio e surpreendentemente limpo. Alguém já tinha arrumado a confusão toda ali. O chão de mármore estava a brilhar. Ouvi uma TV ligada na ampla sala de estar aberta. Não havia muitos outros barulhos. Fui até à cozinha. A cama estava à minha espera. Queria muito tomar um duche, mas ainda não tinha conversado com Rush sobre que casa de banho usar e não queria incomodá-lo nessa noite. No dia seguinte, quando acordasse, desceria de fininho para usar a mesma que utilizara de manhã.

O cheiro a alho e queijo invadiu as minhas narinas quando entrei na cozinha e a minha barriga roncou imediatamente. Eu tinha na carteira um pacote de biscoitos de manteiga de amendoim e um pacote de leite que comprara numa loja de conveniência a caminho de casa. Ganhara algum dinheiro em gorjetas durante o dia, mas não podia gastar tudo em comida. Precisava de poupar o máximo que pudesse.

Havia uma panela tapada sobre o fogão e uma garrafa de vinho vazia em cima da bancada. Perto da garrafa, dois pratos com o que restava de uma apetitosa massa. Rush estava acompanhado.

Um gemido veio lá de fora, seguido por um barulho alto. Fui até à janela, mas, assim que o luar iluminou o rabo nu de Rush, congelei. Um lindo rabo nu. Lindo mesmo. Embora eu nunca tivesse visto o rabo nu de nenhum homem. Subi os olhos pelas suas costas e as tatuagens que as cobriam espantaram-me. Não soube dizer exatamente o que eram. A luz da Lua não era forte o suficiente e ele estava a mexer-se.

Movia os quadris para a frente e para trás, e reparei nas duas pernas compridas que apertava junto às laterais do corpo. O gemido alto repetiu-se quando ele acelerou os movimentos. Tapei a boca e dei um passo para trás. Rush estava a ter relações sexuais. No exterior. Na varanda. Não consegui desviar os olhos. Ele segurou as pernas dos dois lados do próprio corpo e abriu-as ainda mais. Um grito alto surpreendeu-me. Duas mãos surgiram nas costas dele e unhas compridas arranharam as tatuagens que cobriam a pele bronzeada.

Eu não devia estar a ver aquilo. Sacudi a cabeça para aclarar as ideias, virei-me e entrei depressa na despensa e no meu quartinho escondido. Não podia pensar em Rush daquela forma. Ele já era giro; vê-lo a ter sexo provocava sensações estranhas no meu coração. Não que eu quisesse ser uma daquelas raparigas com quem ele tinha sexo e que depois deitava fora, mas ver o seu corpo daquela forma e ouvir o que ele fazia a rapariga sentir deixavam-me com um pouco de inveja. Eu não sabia o que era aquilo. Ser

virgem aos 19 anos era triste. Cain dizia que me amava, mas ele queria uma namorada capaz de sair de casa e ter sexo sem ter de se preocupar com a mãe doente. Queria uma experiência normal de liceu. Eu precisava dele mais do que nunca, mas não podia dar-lhe isso. Então libertara-o.

Na véspera, quando avisara que vinha para casa do meu pai, ele implorara-me que ficasse. Disse que me amava e que não me tinha esquecido. Que todas as raparigas com quem tinha estado não passavam de pálidas substitutas. Eu não conseguia acreditar naquilo tudo. Passara demasiadas noites com medo, a chorar até adormecer. Quando precisei de alguém para me abraçar, ele não estava ao meu lado. Cain não entendia o que era o amor.

Fechei a porta do meu quarto e caí na cama, sem sequer puxar as cobertas. Precisava de dormir. Tinha de estar no trabalho às nove da manhã. Antes de adormecer, sorri, agradecida por ter uma cama e um emprego.



## CAPÍTULO 5

O Sol estava particularmente forte. Darla não queria que eu prendesse o cabelo num rabo de cavalo. Achava que os homens o preferiam solto. Infelizmente, pois isso fazia-me morrer de calor. Estiquei a mão para pegar num cubo de gelo de dentro da geleira, esfreguei-o no pescoço e deixei-o cair dentro da camisola. Já estava quase no 15º buraco pela terceira vez nesse dia.

Ninguém estava acordado em casa quando me levantei. Os pratos vazios continuavam em cima da bancada. Recolhi-os e deitei para o lixo o resto de comida da panela que tinha ficado a noite inteira fora do frigorífico. Fiquei triste com tanto desperdício. A comida tinha um cheiro incrível quando eu chegara a casa na noite anterior.

De seguida deitei fora a garrafa vazia de vinho e encontrei os copos na varanda em cima da mesa, ao lado de onde tinha visto Rush a ter relações sexuais com a desconhecida. Pus a louça na máquina de lavar, liguei-a e passei um pano na bancada e no fogão.

Duvidava que Rush fosse notar, mas aquilo fazia com que me sentisse melhor com o facto de estar a dormir de graça em sua casa. Parei perto de um grupo de jogadores no 15º buraco. Era um grupo mais jovem que eu já tinha visto quando estavam no terceiro buraco. Compravam bastante e davam boas gorjetas, por isso eu aturava as suas conversas. Não era provável que algum deles quisesse mesmo sair com a menina do carrinho de bebidas do campo de golfe. Eu não era burra.

— Aqui está ela — disse um deles quando parei ao seu lado e sorri.

— Ah, a minha miúda preferida voltou. Está um calor infernal, miúda. Preciso de uma cerveja gelada. Ou duas.

Estacionei o carrinho, desci e fui buscar as bebidas à parte de trás do veículo.

— Outra *Miller*? — perguntei-lhe, orgulhosa por me lembrar do seu último pedido.

— É isso mesmo, giraça.

Ele piscou-me o olho e chegou-se mais perto, o que me deixou um pouco constrangida.

— Ei, Jace, também quero uma. Deixa algumas para nós — disse outro e eu mantive o sorriso enquanto ia buscar a sua bebida. Em retribuição, ele deu-me uma nota de 20 dólares. — Pode ficar com o troco.

— Obrigada — agradecei, enfiando o dinheiro no bolso. Ergui os olhos para os outros. — Quem é o próximo?

— Eu — respondeu um de cabelos louros curtos e encaracolados e belos olhos azuis, acenando com uma nota.

— *Corona*, certo? — perguntei, pondo a mão dentro da geleira para pegar na mesma bebida que ele pedira da última vez.

— Acho que estou apaixonado. Ela é linda e lembra-se da cerveja que eu bebo. E ainda abre a porcaria da garrafa por mim. — Pude ver que ele estava a brincar quando pôs a nota na minha mão e pegou na cerveja. — O troco é teu, linda.

Quando pus a nota no bolso, reparei que era de 50. Aqueles tipos não se importavam mesmo de deitar dinheiro fora. Que gorjeta mais ridícula! Tive vontade de lhe dizer para não me dar assim tanto, mas achei melhor não o fazer. Eles deviam dar sempre gorjetas como estas.

— Como é que te chamas? — perguntou um dos rapazes.

Quando me virei, vi o rapaz de cabelos escuros e pele morena à espera para me fazer o seu pedido e ouvir a minha resposta.

— Blaire — respondi, pondo a mão dentro da geleira para pegar na cerveja fina que ele tinha pedido. Tirei a carga e entreguei-lhe a garrafa.

— Tens namorado, Blaire? — perguntou ele, enquanto pegava na cerveja e passava o dedo pela lateral da minha mão com uma carícia.

— Hã... não — respondi, sem saber se teria sido melhor mentir nesta situação.

Ele deu um passo na minha direção e estendeu a mão com o pagamento e a gorjeta.

— Eu sou o Woods — disse.

— Hum... pra-prazer, Woods — gaguejei em resposta.

A expressão intensa dos seus olhos escuros deixava-me nervosa. Ele podia ser perigoso. Para além disso, tresandava a água-de-colónia cara. Um tipo refinado. Fazia parte da elite e sabia disso. Porque é que estava a dar-me conversa?

— Assim não vale, Woods. Vai devagar. Estás a dar tudo. Não é só porque o teu pai é dono deste clube que podes escolher primeiro — brincou o louro de caracóis. Pelo menos eu acho que ele estava a brincar. Woods ignorou o amigo e continuou a observar-me.

— A que horas saís?

Bolas... Se eu estava a perceber como devia ser, o pai de Woods era o meu patrão. A última coisa que eu queria era sair com o filho do dono. Seria péssimo.

— Trabalho até à hora de fechar — expliquei, enquanto entregava a cerveja ao último dos quatro e pegava no dinheiro.



— Que tal eu vir buscar-te e levar-te a jantar? — perguntou Woods, agora muito perto de mim. Se eu me virasse, ele ficaria colado ao meu corpo.

— Está calor e eu estou exausta. Tudo o que vou querer depois do trabalho é tomar um duche e dormir.

Um hálito morno fez cócegas na minha orelha e eu estremei enquanto gotas de suor escorriam pelas minhas costas.

— Estás com medo de mim? Não precisas de ter medo. Sou inofensivo.

Eu não sabia muito bem como agir em relação a ele. Nunca fui boa em conversa de engate e tinha quase a certeza de que era isso que estava a acontecer ali. Ninguém se metia comigo há muitos anos. Depois de acabar com Cain, os meus dias tinham sido consumidos pelo liceu e depois pela minha mãe. Eu não tinha tempo para mais nada. Os rapazes nem se davam ao trabalho.

— Não estou com medo de ti. É só que não estou habituada a este tipo de coisas — respondi, desculpando-me. Não sabia qual a forma certa de reagir.

— Que tipo de coisas? — perguntou ele, curioso. Finalmente virei-me para o enfrentar.

— Homens. E engates. Pelo menos acho que é isso que está a acontecer.

Eu parecia uma idiota. O sorriso que se abriu devagar no rosto de Woods deu-me vontade de me esconder debaixo do carrinho de golfe. Eu não sabia lidar com aquela situação.

— Sim, com certeza que é conversa de engate. Mas como é que alguém tão incredivelmente gira não está habituada a esse tipo de coisas?

As palavras dele deixaram-me tensa. Abanei a cabeça. Precisava de avançar para o 16º buraco.

— É que eu passei estes últimos anos meio ocupada. E, bem, se vocês não quiserem mais nada, os jogadores do buraco 16 já devem estar furiosos comigo.

Woods compreendeu e deu um passo para trás.

— Ainda vamos conversar. Com certeza. Mas por enquanto vou deixar-te voltar ao trabalho.

Fui depressa até à lateral do carrinho e sentei-me no banco do motorista. Um grupo de reformados jogava no buraco seguinte. Nunca fiquei tão feliz na vida por ser alvo dos olhares cobiçosos de idosos. Ao menos, eles não partiam para o ataque.

Ao voltar para a minha pick-up, fiquei aliviada por não ver sinal de Woods. Devia ter percebido que ele estava apenas a provocar a funcionária. Ganhara uns 200 dólares de gorjeta nesse dia e decidi que não havia problema em dar-me ao luxo de ter uma refeição a sério. Entrei no drive-in do

McDonald's e pedi um cheeseburger com batatas fritas, que comi feliz no caminho de volta até casa de Rush. Não havia carro nenhum parado em frente à casa desta vez.

Hoje não iria surpreendê-lo a ter relações sexuais. Mas, pensando bem, ele poderia ter levado alguém para lá de carro. Entrei e parei no hall. A TV não estava ligada. Não havia som nenhum, mas a porta estava destrancada. Não precisei de usar a chave escondida de que ele me tinha falado.

Eu estava muito suada. Precisava de tomar um duche antes de ir dormir. Entrei na cozinha e verifiquei a varanda da frente para ter a certeza que não estava a acontecer nenhuma aventura sexual por ali. Tomar um duche seria fácil.

Fui até ao meu quarto e peguei nos boxers e na t-shirt velha e sem mangas de Cain que eu usava para dormir. Cain tinha-me dado estas roupas quando éramos jovens e inocentes. Ele queria que eu dormisse vestida com alguma coisa dele e eu usava estas peças desde então, embora agora estivessem muito mais justas do que na época. Ganhara algumas curvas desde que tinha 15 anos.

Saí da casa e inspirei profundamente a brisa do mar. Era a minha terceira noite ali e ainda não tinha dado um mergulho. Chegara a casa tão cansada que ainda não tinha tido energia para isso. Desci os degraus e pus o meu pijama na casa de banho antes de descalçar os ténis.

A areia ainda estava quente do calor do Sol. Atravessei-a no escuro até a água avançar ao meu encontro. O frio espantou-me e fiquei ofegante, mas deixei a água salgada cobrir os meus pés.

O sorriso da minha mãe ao contar-me sobre a vez em que tinha brincado no mar veio-me à memória. Ergui o rosto para o céu e sorri. Finalmente tinha chegado. Estava lá por nós as duas.

Um barulho à esquerda interrompeu os meus pensamentos. Virei-me e olhei mais para diante na praia. No preciso instante em que a Lua surgiu por detrás das nuvens, Rush apareceu na escuridão. Estava a correr. Mais uma vez, não usava camisa. Os calções pendiam baixo nos quadris estreitos. Fiquei hipnotizada com a aparência daquele corpo a correr na minha direção. Não tive a certeza se devia mexer-me ou se ele tinha terminado. Ele desacelerou até parar ao meu lado. O suor no seu peito reluzia à luz suave. Por mais estranho que fosse, senti vontade de esticar a mão para lhe tocar. Nada que aquele corpo produzisse podia ser repugnante. Era impossível.

— Voltaste — disse ele, respirando fundo algumas vezes.

— Acabei de sair do trabalho — retorqui, tentando olhar para os olhos dele e não para o seu peito.

— Quer dizer que conseguiste arranjar um emprego?

— Sim. Ontem.

— Onde?

Não sabia ao certo o que sentia ao revelar estas coisas. Ele não era um amigo. E era evidente que eu jamais o consideraria da família. Os nossos pais podiam até ser casados, mas ele não parecia querer qualquer envolvimento nem com o meu pai nem comigo.

— No *country club* de Kerrington — respondi.

Rush levantou as sobrancelhas e deu mais um passo na minha direção. Segurou-me no queixo com uma das mãos e virou a minha cara para cima.

— Puseste rímel — disse, examinando o meu rosto.

— Pus.

Tirei o meu queixo da mão dele. Ainda que ele estivesse a deixar-me dormir na sua casa, não gostava que me tocasse. Ou talvez gostasse e fosse justamente esse o problema. Não queria gostar que ele me tocasse.

— Ficas a parecer mais ter a idade que realmente tens. — Ele recuou e fez uma lenta avaliação das minhas roupas. — És a rapariga do carrinho de bebidas no campo de golfe — disse, tornando a erguer os olhos.

— Como é que adivinhaste?

Ele apontou para mim com uma das mãos.

— Pela roupa. Calções brancos justos e polo. É o uniforme.

Fiquei grata pela escuridão. Tive a certeza que estava vermelha de vergonha.

— Estás a fazer estragos, não estás? — perguntou ele em tom de quem estava a achar piada.

Em dois dias, eu ganhara mais de 500 dólares em gorjetas. Para ele isso não era um estrago, mas para mim, sim. Encolhi os ombros.

— Espero que fiques aliviado por saber que vou sair daqui a menos de um mês.

Ele não reagiu de imediato. Eu provavelmente devia entrar e tomar o meu duche. Comecei a dizer alguma coisa, mas ele aproximou-se.

— Eu provavelmente deveria ficar. Aliviado, quero dizer. Bastante aliviado. Só que não estou, Blaire. — Ele fez uma pausa e inclinou-se para sussurrar no meu ouvido. — Porque será?

A minha vontade foi estender as mãos e segurar-lhe nos braços para não desmoronar, mas contive-me.

— Fica longe de mim, Blaire. Não vais querer chegar muito perto. Ontem à noite... — Ele engoliu em seco. — Não paro de pensar em ontem à noite. Saber que estavas a ver-me deixa-me louco. Por isso fica longe. Estou a esforçar-me ao máximo para me manter longe de ti.

Ele virou-se e começou a correr de volta para casa enquanto eu fiquei ali parada, a tentar não desabar na areia.

O que é que ele quis dizer com aquilo? Como é que sabia que eu os tinha visto? Quando vi a porta da casa fechar-se atrás dele, voltei para lá e fui tomar um banho. As suas palavras iriam manter-me acordada por uma boa parte da noite.

## CAPÍTULO 6

**F**icar longe de Rush não era exatamente fácil, já que estávamos a morar sob o mesmo teto. Ainda que ele tentasse manter a distância, continuávamos a esbarrar um no outro. Ele também evitava cruzar olhares comigo, mas isso só fazia aumentar o meu fascínio.

Dois dias depois da nossa conversa na praia, entrei na cozinha após comer a minha sandes de manteiga de amendoim e fui cumprimentada por mais uma mulher seminua. Ela estava despenteada, mas, mesmo assim, era atraente. Eu detestava esse género de raparigas.

Ela virou-se para olhar para mim. A sua expressão de surpresa transformou-se de imediato em irritação. Piscou os olhos castanhos e levou a mão à anca.

— Acabaste de sair da despensa?

— Sim. E tu, acabaste de sair da cama do Rush? — respondi. As palavras saíram antes de me conseguir controlar. Rush já me tinha dito que a sua vida sexual não era da minha conta. Eu precisava de ficar calada.

A rapariga ergueu as sobrancelhas muito bem-feitas e então um sorriso atravessou os seus lábios; ela achou piada.

— Não. Não que eu fosse recusar se ele me deixasse, mas não digas isso ao Grant. — Ela fez um gesto como quem espanta uma mosca. — Deixa estar. Ele já deve saber de qualquer forma.

Fiquei sem perceber.

— Quer dizer que acabaste de sair da cama do Grant? — perguntei, apercebendo-me de que aquilo também não era da minha conta.

Mas o Grant não morava ali, e eu estava confusa.

A rapariga passou os dedos pelos caracóis castanhos despenteados e deu um suspiro.

— Sim. Ou pelo menos da antiga cama dele.

— Antiga? — estranhei.

Um movimento na porta chamou-me a atenção e o meu olhar cruzou-se com o de Rush. Ele observava-me com um sorriso de ironia. Que maravilha. Ele tinha-me ouvido a bisbilhotar. Quis desviar os olhos e fingir que não tinha acabado de perguntar a uma rapariga se ela tinha dormido com ele. O brilho no seu olhar informou-me de que era inútil: ele já sabia.

— Blaire, desculpa se te interrompi. Podes continuar a interrogar a

amiga do Grant. Tenho a certeza que ele não se vai importar — disse Rush com a sua voz arrastada.

Ele cruzou os braços em frente ao peito e apoiou-se no batente da porta como se estivesse a acomodar-se.

Baixei a cabeça e fui até ao caixote do lixo para limpar as migalhas de pão das mãos enquanto pensava no que fazer. Não queria continuar aquela conversa enquanto Rush estivesse a ouvir; isso faria parecer que estava demasiado interessada nele. Coisa que ele não queria.

— Bom-dia, Rush. Obrigada por nos deixares ficar aqui ontem à noite. O Grant tinha bebido de mais para conduzir de volta para casa dele — disse a rapariga.

Ah. Então era isso. Que treta. Porque é que eu me tinha deixado vencer pela curiosidade?

— O Grant sabe que o quarto é dele sempre que quiser — disse Rush.

Pelo canto do olho, pude ver quando ele se afastou do batente e se dirigiu até à bancada. Tinha os olhos colados em mim. Porque é que ele não deixava aquela história assim mesmo? Eu ia-me embora discretamente.

— Bom, hã, então eu acho que vou voltar lá para cima. — A voz da rapariga soou insegura.

Rush não disse nada e eu não olhei para nenhum dos dois. A rapariga aproveitou a deixa para se retirar e eu aguardei até ouvir os passos dela na escada antes de olhar para Rush.

— Blaire, querida, a curiosidade matou a gatinha — sussurrou ele, aproximando-se de mim. — Pensaste que eu tinha trazido mais alguém para dormir? Humm? Estavas a tentar saber se aquela miúda tinha passado a noite na minha cama?

Engoli em seco, mas não disse nada.

— Com quem eu vou para a cama não é assunto teu. Já tínhamos falado sobre isso, não?

Consegui concordar. Se ele me deixasse ir embora, nunca mais falaria com qualquer outra mulher que aparecesse em sua casa. Rush estendeu a mão e enrolou uma madeixa dos meus cabelos no dedo.

— Tu não me queres conhecer. Talvez penses que queres, mas não queres. Juro-te que não.

Se ele não fosse tão giro nem estivesse tão perto de mim, seria bem mais fácil acreditar nisso. Mas quanto mais ele me pressionava, mais intrígada eu ficava.

— Tu não és o que eu imaginava. Preferia que fosses. Seria mais fácil — disse ele com uma voz grave antes de largar o meu cabelo e se afastar. Quando a porta que conduzia à varanda das traseiras se fechou, consegui respirar de novo.

O que é que ele queria dizer? O que tinha ele imaginado?  
Nessa noite, quando voltei do trabalho, Rush não estava em casa.

Abri os olhos e virei-me para olhar para o pequeno despertador que estava sobre a mesa de cabeceira. Já passava das nove da manhã. Realmente tinha-me deixado dormir até mais tarde. Espreguicei-me e estendi a mão para acender a luz. Tinha tomado banho na noite anterior, por isso estava limpa. Tinha conseguido ganhar mais de mil dólares naquela semana. Decidi que podia começar a procurar apartamentos naquele dia, para encontrar depressa um lugar para morar.

Passei as mãos pelo cabelo e tentei domá-lo antes de me levantar. De manhã, queria passar um tempinho deitada na praia. Ainda não o tinha feito. Ia aproveitar o mar e o sol.

Puxei a minha mala de debaixo da cama e procurei lá dentro o meu biquíni cor-de-rosa. Era o único que eu tinha. Para dizer a verdade, quase não tinha sido usado. O estampado de renda branca com pormenores em cor-de-rosa ficava bem no meu tom de pele.

Quando o vesti, pensei que o biquíni era mais pequeno do que me lembrava. Ou isso ou o meu corpo tinha mudado desde a última vez em que o tinha usado. Tirei da mala uma t-shirt sem mangas para usar por cima e peguei no protetor solar que tinha comprado depois do meu primeiro dia de trabalho. Protetor era obrigatório no meu emprego. Apaguei a luz, saí da despensa e entrei na cozinha.

— Que raios. Quem é esta? — perguntou um rapaz mais jovem, que me assustou quando entrei no espaço iluminado.

Olhei para aquele desconhecido sentado no bar, que me observava de boca escancarada, e de seguida para o frigorífico onde Grant estava encostado, sorridente.

— Sais desse quarto vestida assim todos os dias de manhã? — perguntou Grant. Eu não imaginava que fosse encontrar alguém.

— Não. Normalmente estou com a roupa do trabalho vestida — respondi enquanto o rapaz no bar dava um assobio. Ele não devia ter mais de 16 anos.

— Podes ignorar este idiota cheio de hormonas. O nome dele é Will. A mãe dele é irmã da Georgianna. Portanto, de uma forma bastante indireta, ele é o meu primo mais novo. Apareceu aqui ontem à noite depois de fugir de casa pela centésima vez. O Rush ligou-me para vir buscá-lo e levá-lo de volta para aquela casa de doidos.

Rush. Porque é que ouvir o nome dele fazia o meu coração disparar? Porque ele era perfeito; tão perfeito que chegava a ser injusto. Só por isso. Sacudi a cabeça para o espantar dos meus pensamentos.

— Muito prazer, Will. Eu sou a Blaire. O Rush teve pena de mim e acolheu-me até eu conseguir encontrar um lugar para morar.

— Então, podes vir para casa comigo. Não te vou obrigar a dormir debaixo da escada — ofereceu Will.

Não consegui evitar sorrir. Este tipo de engate inocente já eu entendia.

— Obrigada, mas não acho que a tua mãe vá gostar muito disso. Estou bem debaixo da escada. A cama é confortável e não preciso de dormir armada.

Grant deu um risinho e Will arregalou os olhos.

— Tu andas armada? — perguntou ele, assombrado.

— Pronto, agora é que estragaste tudo. É melhor eu tirar este rapazola daqui antes que ele se apaixone ainda mais — disse Grant, pegando na chávena que tinha acabado de encher de café. Continuou a falar enquanto se encaminhava para a porta. — Vamos lá, Will, antes que eu vá acordar o Rush e tenhas de lidar com aquele mau feito.

Will olhou para ele e logo de seguida para mim, como se estivesse perante um dilema. Foi muito engraçado.

— Agora, Will — disse Grant num tom mais autoritário.

— Ei, Grant? — chamei antes de ele chegar à porta. Ele virou-se de novo e olhou para mim.

— Diz.

— Obrigada pela gasolina. Vou pagar-te assim que receber o meu ordenado.

Ele fez que não com a cabeça.

— Não vais pagar, não. Eu ficaria ofendido. Mas de nada. — Piscou-me o olho, e depois olhou para Will com um ar severo antes de sair da cozinha.

Acenei para me despedir de Will. Depois pensaria numa forma de pagar a Grant sem o ofender. Tinha de haver uma maneira. Por enquanto, os meus planos eram outros. Fui até às portas que davam para o exterior. Estava na hora de aproveitar o meu primeiro dia de verdade na praia.

Estiquei-me sobre a toalha que tinha trazido emprestada da casa de banho. Teria de a lavar à noite. Era a única que eu tinha para me enxugar e agora ia ficar cheia de areia. Mas ia valer a pena.

A praia estava tranquila. Como as outras casas ficavam afastadas, aquele pedaço de praia estava bem isolado. Senti-me corajosa, tirei a t-shirt e enrolei-a debaixo da cabeça. Depois fechei os olhos e deixei o barulho das ondas embalar-me até adormecer.

— Por favor, diz-me que puseste protetor.



A voz grave derramou-se sobre mim e inclinei o corpo na sua direção. O seu cheiro másculo era uma delícia. Precisava de me chegar mais perto.

Quando abri os olhos, pestanejei por causa da luz forte do Sol e vi Rush sentado ao meu lado. Ele estava a observar-me. Qualquer calor ou bom humor que eu pudesse ter imaginado na sua voz tinha desaparecido.

— Estás a usar protetor, não estás?

Respondi que sim e ergui-me até ficar sentada.

— Ótimo. Detestaria ver essa pele lisinha e branca ficar vermelha.

Ele achava a minha pele lisinha e branca. Soou como um elogio, mas não tive a certeza se era adequado agradecer.

— Eu, hmm, pus protetor antes de sair.

Ele continuou a olhar para mim. Lutei contra o impulso de pegar na t-shirt e vesti-la por cima do biquíni. Eu não tinha o mesmo corpo das raparigas com quem o vira. Não gostava de sentir que ele estava a comparar-me com elas.

— Não vais trabalhar hoje? — perguntou ele, por fim.

Fiz que não com a cabeça.

— Estou de folga.

— Como vai o emprego?

Ele até estava a ser bem-educado. Pelo menos não estava a evitar-me. Por mais idiota que parecesse, eu queria a sua atenção. Sentia uma atração por ele que não conseguia explicar. Quanto mais ele mantinha a distância, mais eu me queria aproximar. Ele inclinou a cabeça e levantou uma das sobrancelhas, como se estivesse à espera que eu dissesse alguma coisa.

Ah, sim. Ele tinha-me feito uma pergunta. A culpa era daqueles seus olhos prateados: era difícil concentrar-me.

— Desculpa, o quê? — perguntei, enquanto sentia a minha cara ficar quente. Ele riu-se.

— Como vai o emprego? — perguntou devagar.

Eu precisava de parar de parecer uma idiota sempre que estava perto dele.

— Bem. Estou a gostar.

Rush sorriu e olhou na direção do mar.

— Aposto que estás.

Passei alguns segundos a refletir sobre esse comentário.

— O que queres dizer com isso? — perguntei.

Rush deixou os olhos passearem pelo meu corpo, depois voltou a olhar para mim. Eu estava arrependida de não ter voltado a vestir a t-shirt.

— Tu sabes que és bonita, Blaire. Já para não falar nesse teu sorriso encantador. Os golfistas lá do clube estão a pagar-te bem.

Ele estava certo em relação às gorjetas. Também estava a deixar-me sem ar ao olhar para mim daquela forma. Eu queria que ele gostasse do que via, mas ao mesmo tempo sentia-me apavorada com o que poderia acontecer. E se ele mudasse de ideias quanto a manter a distância? Estaria eu à altura?

Passámos algum tempo sentados em silêncio; ele manteve o olhar fixo em frente. Pude ver que estava a pensar nalguma coisa. Tinha o maxilar contraído e uma expressão sombria. Revolvi tudo o que tinha dito, mas não consegui pensar em nada que pudesse tê-lo deixado chateado.

— Há quanto tempo é que a tua mãe morreu? — perguntou ele, voltando a olhar para mim.

Eu não queria falar sobre a minha mãe, não com ele. Mas ignorar a pergunta seria falta de educação.

— Há trinta e seis dias.

Ele apertou o maxilar como se estivesse com raiva de alguma coisa e o seu semblante ficou mais carregado.

— O teu pai sabia que ela estava doente?

Mais uma pergunta à qual eu não queria responder.

— Sabia, sim. Também lhe liguei no dia em que ela morreu. Ele não atendeu. Deixei recado.

O facto de ele nunca ter ligado de volta era doloroso de mais para admitir.

— Odeias o teu pai? — quis Rush saber.

Quería odiar. Desde o dia em que a minha irmã tinha morrido, ele só me causara dor. Mas era difícil. Ele era o único familiar que eu tinha.

— Às vezes — respondi, sincera.

Rush assentiu, estendeu a mão e enganchou o dedo mindinho no meu. Não disse nada, mas nesse momento também não precisava. Aquela única pequena ligação dizia tudo. Eu podia não conhecer Rush muito bem, mas estava a afeiçoar-me a ele.

— Vou dar uma festa hoje à noite. É o aniversário da minha irmã Nan. Dou sempre uma festa para ela. Pode não ser o teu estilo, mas estás convidada, se quiseres.

Irmã? Ele tinha uma irmã? Pensei que fosse filho único. Nan não era aquela rapariga que tinha sido mal-educada na noite em que cheguei?

— Tens uma irmã?

Rush encolheu os ombros.

— Tenho.

Porque é que Grant tinha dito que ele era filho único? Esperei uma explicação, mas ele não deu mais pormenores. Então decidi perguntar.

— O Grant disse que tu eras filho único.

Senti o corpo de Rush ficar tenso. Ele abanou a cabeça enquanto desenganchava o mindinho do meu e se virava para o mar.

— O Grant não devia andar a falar de mim. Por mais que ele queira levar-te para a cama.

Ele levantou-se e não voltou a olhar para mim enquanto se virava e tomava novamente a direção da casa.

Havia algo de proibido em relação a Nan. Eu não fazia a menor ideia do que poderia ser, mas era proibido de certeza. Eu não devia ter sido tão intrometida. Levantei-me e fui até ao mar. Estava calor e eu precisava de algo que me distraísse. Sempre que baixava um bocadinho a guarda em relação a Rush, ele lembrava-me porque é que era melhor mantê-la bem firme no lugar. Que tipo estranho. Giro, lindo e delicioso, mas estranho.

Sentada na cama, fiquei a ouvir os risos e a música que tomaram conta da casa. Passara o dia inteiro a mudar de ideias quanto a ir àquela festa. Da última vez em que tinha decidido ir, pus o único vestido bonito que ainda tinha. Era vermelho, justo no peito e nas ancas, com uma saia curta e direita que dava até metade das coxas. Eu tinha-o comprado quando Cain me convidou para o baile de finalistas do liceu. Ele foi nomeado rei do baile e Grace Ann Henry tinha sido nomeada rainha. Ela quis ir à festa com ele e ele telefonou-me para perguntar se havia problema em ir com ela em vez de ir comigo. Toda a gente dizia que eles iam ganhar e achei bem que fossem os dois juntos. Eu concordei e pendurei o vestido de novo no armário. Naquela noite, eu e a minha mãe ficámos a ver comédias românticas e empanturrámo-nos de brownies. Do que eu me lembrava, aquela fora uma das últimas vezes em que ela pôde comer disparates sem passar mal por causa da química.

Esta noite, eu tinha tirado o vestido da mala. Pelos padrões daquelas pessoas, não era um vestido caro. Na verdade, era bem simples. O tecido vermelho era um chiffon macio. Baixei os olhos para os sapatos prateados de salto da minha mãe que eu tinha guardado. Ela calçara-os no dia do seu casamento. Eu sempre adorei aqueles sapatos. Ela nunca mais voltou a usá-los, mas guardava-os dentro de uma caixa muito bem embrulhados.

Eu corria um risco enorme de ir à tal festa e ser humilhada. Não me encaixava no meio daquelas pessoas. Nem sequer encaixei no ensino secundário. A minha vida era apenas um eterno constrangimento. Precisava de aprender a enquadrar-me, a afastar-me da miúda desengonçada que era excluída no secundário porque tinha problemas mais graves.

Levantei-me e alisei o vestido para remover qualquer vinco produzido pelo tempo que passara ali sentada a pensar se ia ou não à festa. Decidi sair

do quarto. Talvez pegasse numa bebida e via se alguém falava comigo. Se fosse um desastre completo, podia sempre voltar a correr ali para dentro, vestir o meu pijama e encolher-me na cama. Aquele seria um passo pequeno, mas muito bom para mim.

Abri a porta da despensa e entrei na cozinha, grata por não haver ninguém ali. Sair da despensa seria um pouco difícil de explicar. Consegui ouvir a voz de Grant a rir alto e a conversar com alguém na sala. Ele ia falar comigo, podia até ajudar-me a integrar-me naquela festa. Respirei fundo, saí da cozinha e desci o corredor até ao hall. As rosas brancas e fitas prateadas espalhadas pela casa toda fizeram-me pensar num casamento, não num aniversário. A porta da frente abriu-se e eu assustei-me. Parei e vi uns olhos escuros conhecidos a encararem os meus. Senti a minha cara ficar quente enquanto Woods me avaliava longa e vagarosamente com o olhar.

— Blaire — disse ele quando os seus olhos finalmente voltaram ao meu rosto. — Não achei que fosse possível ficares mais gira. Estava enganado.

— Bolas, rapariga, é verdade. Ficas ótima depois de um banho. — O rapaz de cabelos louros encaracolados e olhos azuis sorriu para mim. Não conseguia lembrar-me do nome dele. Será que ele me tinha dito?

— Obrigada — consegui articular.

Estava a ser tímida outra vez. Aquela era a minha hipótese de me integrar. Eu precisava de aproveitar a oportunidade.

— Não sabia que o Rush tinha voltado a jogar golfe. Ou vieste com outra pessoa?

Fiquei confusa e levei alguns segundos para perceber o que Woods queria dizer. Quando percebi que ele achava que eu estava ali com alguém que conhecera no trabalho, sorri. Não era nem de longe o caso.

— Eu não vim com ninguém. Rush é... bom, a mãe dele está casada com o meu pai.

Pronto, estava explicado.

O lento sorriso descontraído de Woods abriu-se mais um pouco enquanto ele se aproximava de mim.

— Não me digas? Ele está a obrigar a irmã a trabalhar no *country club*? Ora, ora. Esse rapaz não tem mesmo maneiras. Se eu tivesse uma irmã bonita como tu, mantinha-a trancada... o tempo todo. — Ele parou de falar e ergueu a mão para acariciar a minha bochecha com o polegar. — Eu ficaria contigo, é claro. Não ia querer que te sentisses sozinha.

Não havia dúvida, ele estava a dar-me conversa. Muita conversa. Ele estava num nível muito acima do meu. Era experiente de mais. Eu precisava de um pouco de espaço.

— Essas tuas pernas deviam vir com um aviso. É impossível não tocar.

A voz dele ficou um tom mais baixa e, quando olhei por cima do ombro dele, vi que o lourinho já não estava ali.

— Tu... tu és amigo do Rush ou da, hmm, da Nannette? — perguntei, lembrando-me do nome com que Grant nos tinha apresentado na primeira noite.

Woods encolheu os ombros.

— A Nan e eu temos uma amizade complicada. Já o Rush e eu conhecemos-nos a vida inteira. — Woods levou a mão às minhas costas. — Mas posso apostar que a Nan não é tua fã.

Eu não sabia se era. Não tivéramos contacto nenhum desde aquela primeira noite.

— Na verdade não nos conhecemos.

Woods franziu o sobrolho.

— A sério? Que estranho.

— Woods! Já chegaste — guinchou uma mulher ao entrar na divisão.

Ele virou a cabeça e deparou-se com uma ruiva de longos cabelos encacacolados e um corpo cheio de curvas mal coberto por uma roupa de cetim preto. Aquela seria a sua distração. Comecei a afastar-me e a voltar-me na direção da cozinha. O meu momento de coragem tinha passado.

Mas Woods segurou-me na anca com força, mantendo-me firme onde eu estava.

— Laney — foi tudo o que ele disse em resposta.

Os grandes olhos castanhos da rapariga desviaram-se dele e pousaram em mim. Observei sem poder fazer nada quando ela viu a mão dele pousada na minha anca. Aquilo não era o que eu queria. Eu precisava de me integrar.

— Quem é essa? — disparou a rapariga, a olhar para mim agora com raiva.

— Esta é a Blaire. A nova irmã do Rush — respondeu Woods com um tom entediado.

A rapariga semicerrou os olhos e, de seguida, riu-se.

— Não é nada. Ela está a usar um vestido rasca e sapatos mais rascas ainda. Não sei quem essa rapariga é, mas ela está a mentir-te. Mas, enfim, sempre foste fraco diante de uma carinha bonita, não é, Woods?

Eu realmente devia ter ficado no quarto.